



Recebido: 10/02/2024 | Revisado: 28/05/2024 | Aceito: 05/06/2024 | Publicado: 16/09/2024



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 Unported License.

DOI: 10.31416/rsdv.v12i3.944

Parque Nacional da Chapada Diamantina: Etnobotânica do Benzimento e a Cura pelas Plantas

Chapada Diamantina National Park: Ethnobotany of Blessing and Plant Healing

BASTOS, Nayara Gomes. Mestre em Biodiversidade Vegetal (UNEB)/Especialista em Gestão Ambiental de Municípios (UFTPR)/Graduação em Ciências Biológicas (UNEB). Discente do Doutorado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental (PPGECOH), UNEB - Campus III, Juazeiro - Bahia - Brasil/ E-mail: nbastos@uneb.br

SANTOS, Carlos Alberto Batista. Doutor em Etnobiologia e Conservação da Natureza (UFRPE) / Graduação em Ciências com Habilitação em Biologia (UPE). Docente do Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental -PPGEcoH, UNEB, Campus III Juazeiro, BA / E-mail: absantos@uneb.br

NOGUEIRA, Eliane Maria de Souza. Doutora em Ciências Biológicas (Zoologia) (UFPB) / Graduação em Ciências Biológicas (FAFIRE). Docente do Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental -PPGEcoH, UNEB, Campus III Juazeiro, BA / E-mail: enogueira@uneb.br

ANDRADE, Wbaneide Martins de. Doutora em Etnobiologia e Conservação da Natureza (UFRPE)/Graduação em Ciências Biológicas (UFRPE). Docente do Curso de Graduação em Ciências Biologia e do Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental -PPGEcoH, Pesquisadora do Centro de Pesquisas OPARÁ na Universidade do Estado da Bahia -UNEB, Campus VIII Paulo Afonso, BA/ E-mail: wandrade@uneb.br

RESUMO

A pesquisa objetivou identificar as espécies botânicas utilizadas em rituais de benzimento nas cidades de Andaraí, Lençóis e Mucugê/BA, buscando a existência de um padrão do conhecimento e das práticas etnobotânicas. A coleta de dados realizou-se por meio de uma triangulação (observação direta, conversas informais, entrevistas do tipo semiestruturada e aberta, turnê guiada, história de vida, “bola de neve”), foram realizadas entrevistas com 28 praticantes de benzimento no período de abril de 2022 até julho de 2023, aspectos éticos e legais foram aplicados. Foram relatadas 40 etnoespécies, distribuídas 19 famílias, 29 gêneros e 31 espécies. Em nove etnoespécies não foi possível fazer a identificação botânica devido à ausência de material botânico. Lamiaceae, Fabaceae e Solanaceae foram as famílias mais representativas. A *Ruta graveolens* (arruda) foi a espécie que apresentou maior valor de Consenso de Uso com UCs de 1,555, seguida por *Jatropha gossypifolia* (pinhão-roxo) com 1,037, sendo também as mais citadas. A maioria das espécies são exóticas (cultivadas e naturalizadas) e procedentes do próprio quintal. Oito etnoespécies foram registradas isocronicamente nos três municípios. Todas as espécies citadas em Mucugê também foram registradas em Andaraí, fato esse sendo exemplificado pela Teoria da Neutralidade, visto que as cidades são geograficamente mais próximas, compartilhando uma maior similaridade. Especificações botânicas foram apontadas variando desde a quantidade de ramos, combinações de espécies, a posição de retirada dos galhos na planta até o horário de coleta das plantas. Logo é inegável o saber etnobotânico presente nessa prática, fazendo parte da riqueza cultural brasileira.

Palavras-chave: Benzedeiras, Saúde, Bahia.



ABSTRACT

The research aimed to identify the botanical species used in blessing rituals in the cities of Andaraí, Lençóis and Mucugê/BA, seeking the existence of a standard of ethnobotanical knowledge and practices. Data collection was carried out through triangulation (direct observation, informal conversations, semi-structured and open interviews, guided tour, life story, “snowball”), interviews were carried out with 28 blessing practitioners in the period from April 2022 until July 2023, ethical and legal aspects were applied. 40 ethnospesies were reported, distributed across 19 families, 29 genera and 31 species. In nine ethnospesies it was not possible to make botanical identification due to the absence of botanical material. Lamiaceae, Fabaceae and Solanaceae were the most representative families. *Ruta graveolens* (rue) was the species that presented the highest Consensus of Use value with UCs of 1.555, followed by *Jatropha gossypifolia* (purple pine) with 1.037, also being the most cited. Most species are exotic (cultivated and naturalized) and come from your own backyard. Eight ethnospesies were recorded isochronically in the three municipalities. All species mentioned in Mucugê were also recorded in Andaraí, a fact being exemplified by the Theory of Neutrality, since the cities are geographically closer, sharing greater similarity. Botanical specifications were indicated, ranging from the number of branches, combinations of species, the position in which the branches were removed from the plant to the time of collection of the plants. Therefore, the ethnobotanical knowledge present in this practice is undeniable, forming part of Brazil's cultural wealth.

keywords: Benzedeiras, Health, Bahia.

Introdução

A compreensão das intrincadas relações entre o ser humano e as plantas é o cerne da Etnobotânica, revelando esses vínculos, desde tempos ancestrais até os dias atuais. Fonseca-Kruel e Peixoto (2004) definem a Etnobotânica como a ciência que investiga as interações ecológicas, genéticas, evolutivas, simbólicas e culturais das sociedades humanas, passadas e presentes, com o reino vegetal.

O termo “Etnobotânica” foi formalmente introduzido em 1896 por Hashberger, um pioneiro ao explorar a posição cultural de etnias indígenas. Sua abordagem inicial, focada na utilização de plantas por essas comunidades, moldou a percepção da etnobotânica por muito tempo como um conhecimento utilitarista, centrada no uso de plantas por povos “aborígenes” (Albuquerque *et al.*, 2022).

As plantas exercem um forte papel na regulação social, moldando normas e padrões comportamentais (Albuquerque *et al.*, 2022). Pesquisas sobre o uso de ervas medicinais em comunidades revelam uma riqueza de conhecimentos aplicados na medicina popular local, sendo que, de acordo com a Organização Mundial de Saúde - OMS (2013), entre 70% e 90% da população de países em desenvolvimento utiliza plantas medicinais na Atenção Primária à Saúde.

Atualmente, a Etnobotânica evoluiu para uma abordagem mais abrangente, incorporando uma interação dinâmica entre sistemas ecológicos e culturais. Seu campo de investigação se estende além das comunidades tradicionais, incluindo também contextos urbano-industriais e rurais não-tradicionais (Albuquerque *et al.*, 2022; Bernadino *et al.*, 2019). A relação intrínseca entre o homem e as plantas permeia toda a história da humanidade, exemplificada pela *Cyperus papiros* L., uma espécie botânica vital na antiguidade africana desde 3.000 a.C em Kemet (Egito Antigo). Suas fibras eram utilizadas na fabricação de embarcações, construção de pontes e na confecção dos papiros, precursor do papel, registrando as práticas médicas locais, incluindo curas com elementos naturais, assim como questões matemáticas e políticas (Pinheiro, 2021, Badaró, 2018).

No Brasil, desde os primórdios da colonização, médicos reconhecem a importância dos remédios naturais utilizados pelos povos originários, destacando



que o conhecimento das ervas e práticas rituais remontam às influências culturais africanas, indígenas e à medicina popular europeia (Souza, 2003).

No contexto etnobotânico, destaca-se o benzimento, como uma prática ancestral de cuidado em saúde, que incorpora as plantas como elemento ritualístico principal. Diversos estudos apontam os rituais de rezas e benzimentos como práticas alternativas eficazes no tratamento de problemas físicos e espirituais, firmemente enraizadas na medicina popular em diversas regiões do Brasil (Oliveira e Trovão, 2009; Davi e Passa, 2017; Lima e Oliveira, 2020).

Frente ao exposto, a região da Chapada Diamantina destaca-se como um epicentro de intensa riqueza cultural, moldada por uma formação histórica carregada de significados profundos e reconhecimento. No centro dessa extensa área de proteção integral, com uma paisagem repleta de nuances culturais, as cidades de Andaraí, Mucugê e Lençóis emergem como testemunhas e protagonistas desse contexto único, localizadas no coração do Parque Nacional da Chapada Diamantina.

Em um cenário de evidente miscigenação, onde identidades e culturas se entrelaçam para formar a rica tapeçaria da nação brasileira, os saberes tradicionais desempenham um papel crucial. O benzimento, como uma expressão desses conhecimentos ancestrais, emerge como protagonista. O registro das espécies vegetais e do contexto envolvente desta prática de cura assume um papel fundamental, contribuindo para o reconhecimento, o resgate e a continuidade do conhecimento tradicional que integra a essência cultural desta sociedade.

Os estudos etnobotânicos contribuem na compreensão das sociedades, analisando as relações entre comunidades e o ambiente vegetal, especialmente quanto ao benzimento. No entanto, reconhecemos que são apenas uma parte do quebra-cabeça dos sistemas culturais, exigindo uma abordagem mais integrada. A compreensão holística é essencial para capturar a complexidade das interações entre pessoas e plantas, indo além de uma única disciplina. A justificativa para essa abordagem ampla reside na interconexão entre elementos culturais, sociais, ecológicos e históricos. Ao transcender uma perspectiva disciplinar única, buscamos ampliar a compreensão e contribuir para a preservação dos conhecimentos tradicionais, enriquecendo a pesquisa acadêmica e promovendo o diálogo sobre a diversidade cultural e ambiental.

Este estudo objetiva identificar as espécies botânicas utilizadas nos rituais de benzimento em diferentes cidades, além de reconhecer se existe um padrão do conhecimento e práticas entre aqueles que realizam a benzedura. Essa abordagem contribuirá significativamente para a compreensão do universo das rezadeiras, explorando suas relações etnobotânicas durante o processo de transmissão de saberes.

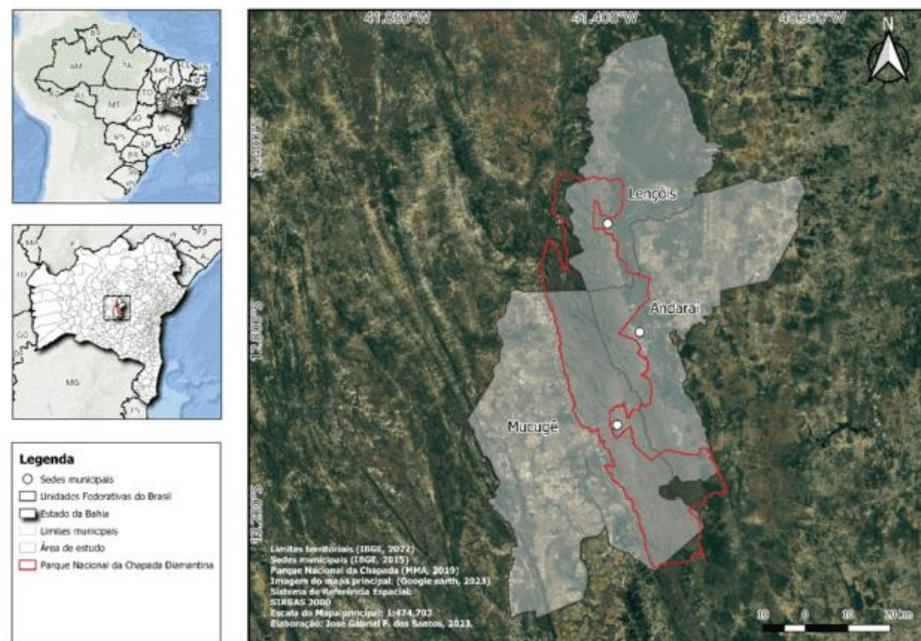
Material e métodos

Área de estudo

O estudo foi realizado nos municípios de Andaraí, Lençóis e Mucugê, os quais integram a área de Proteção Integral Parque Nacional da Chapada Diamantina na Bahia (Figura 1).



Figura 1- Mapa de localização do Parque Nacional da Chapada Diamantina com indicação das áreas de estudo, em Andaraí, Lençóis e Mucugê/Bahia.



Fonte: (Dados da pesquisa)

Andaraí, situada entre as coordenadas 12°48'26''S de latitude e 41°19'53'' W de longitude, apresenta uma altitude média de 405m, abrangendo uma área de 1.861,70km² e distando 405 km da capital do Estado. O clima é subúmido a seco, com temperatura média anual de 24,6°C e período chuvoso de outubro a abril. A vegetação inclui diversas formações, como Floresta Decidual Submontana, Floresta Estacional Semidecidual, Contato Cerrado-Floresta Estacional Semidecidual Montana, Refúgio Ecológico Montano, Contato Cerrado-Caatinga e Cerrado Parque, excluindo a Floresta-de-Galeria (SEI, 2014).

O município de Lençóis, localizado na latitude 12°33'47''S e na longitude 41°23'24'' W, com altitude média de 394m, abrange uma área de 1.277,0km² e está situada a 413 km da capital baiana. O clima varia de úmido a subúmido, com temperatura média anual de 23,4°C e período chuvoso compreendido entre os meses de outubro a junho. A vegetação abrange Refúgio Ecológico Montano, Floresta Estacional Semidecidual, Cerrado Arbóreo Aberto, sem Floresta-de-Galeria, Floresta Estacional Decidual, Ecótono Contato Cerrado-Floresta Estacional, Cerrado Parque, sem Floresta-de-Galeria e Floresta Estacional Decidual (SEI, 2014).

Mucugê localiza-se na latitude de 13°00'19''S e 41°22'15''W de longitude, com altitude média de 983m. Com uma área municipal de 2.455,0km² distante 444km da capital baiana. Apresenta um clima úmido, com temperatura média anual de 20,9°C, com período chuvoso entre outubro e abril. A vegetação engloba Cerrado Gramíneo-Lenhoso, com Floresta-de-Galeria, Refúgio Ecológico Montano, Contato Cerrado-Floresta Estacional, Floresta Estacional Semidecidual Montana, Ecótono Contato Cerrado-Caatinga, Ecótono Contato Caatinga-Floresta Estacional, Cerrado Arbóreo Aberto, sem Floresta-de-Galeria, Cerrado Gramíneo Lenhoso, sem Floresta-de-Galeria, e Cerrado Parque, com Floresta-de-Galeria (SEI 2014).

Coleta de Dados



Esta pesquisa empregou uma abordagem de triangulação, combinando três métodos: 1) entrevistas semiestruturadas, 2) turnê guiada e 3) "bola de neve" para a seleção dos participantes. Os municípios desse estudo estão localizados no entorno do Parque Nacional da Chapada Diamantina: Andaraí, Mucugê e Lençóis, na Bahia.

As atividades de campo ocorreram de abril/2022 a julho/2023. Para garantir a integridade ética e legal deste estudo, obtivemos a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa-CEP sob o parecer nº 5.058.444. Todos os participantes, incluindo especialistas como benzedores, curadores e rezadores, adultos com idade superior a dezoito anos, foram abordados após a devida apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). No caso de especialistas "não-alfabetizados", o TCLE foi lido e autorizado oralmente, com a autorização gravada para documentação e registro.

As entrevistas foram realizadas, individualmente, nas residências dos especialistas, seguindo um roteiro guia, com perguntas sobre suas práticas de cura e relações etnobotânicas. Os entrevistados foram encorajados a responder livremente, acrescentando informações pertinentes. Para identificar as plantas usadas nos processos de cura, realizamos turnês guiadas pelos quintais e arredores com os especialistas, registrando, fotograficamente e em diários de campo, as informações relevantes.

Todo material botânico, coletado em estágio fértil, foi depositado no Herbário da Universidade do Estado da Bahia - HUNEB, seguindo as práticas usuais de botânica. A origem das plantas foi determinada até o nível de espécie, com base na Lista de Espécies da Flora do Brasil (Flora do Brasil, 2022). Os dados foram compilados e analisados no Excel, resultando na elaboração de uma tabela listando as espécies botânicas, famílias e gêneros, juntamente com seus nomes populares.

A classificação botânica seguiu o *Angiosperm Phylogeny Group IV* (APG, 2016). As informações coletadas foram submetidas a testes estatísticos no programa BioEstat 5.0. O Valor de Consenso de Uso (UCs) foi avaliado, medindo a concordância entre os informantes sobre a utilidade de uma espécie, especificamente relacionado ao consenso da utilização das plantas na prática de benzimento nos três municípios.

Resultados e discussão

Foram realizadas um total de 28 entrevistas, com praticantes de benzimento, nas cidades de Andaraí, Lençóis e Mucugê, durante o período de abril/2022 a julho/2023. Os dados coletados na lista livre revelaram um total de 40 etnoespécies citadas para as três cidades, distribuídas em 19 famílias, 29 gêneros e 31 espécies, com duas delas identificadas até o nível de gênero (Tabela 1). Das etnoespécies registradas nesse estudo, nove não puderam ser taxonomicamente identificadas devido à falta de material botânico reprodutivo no momento da coleta. A diversidade de espécies corrobora os resultados obtidos por Silva (2018), ao entrevistar benzedores residentes no leste da ilha de Santa Catarina, identificando 31 espécies classificadas em 18 famílias.

Tabela 1 - Lista de espécies botânicas utilizadas nas práticas de Benzimento por benzendeiras e benzedores residentes nos municípios de Andaraí, Mucugê e Lençóis/Bahia.



Família/Espécie	nome popular	Nº citações			UCs
		An	Le	Mu	
Acanthaceae					
<i>Justicia gendarussa</i> Burm.f.	vence-tudo ou abre caminho	8	3	2	0,962
Adoxaceae					
<i>Sambucus nigra</i> L.	sabugueiro	2	-	-	0,148
Amaranthaceae					
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze*	anador	1	-	-	0,074
Anacardiaceae					
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi.*	aroeira	2	5	-	0,518
<i>Mangifera indica</i> L.	manga	1	-	-	0,074
Apocynaceae					
<i>Thevetia peruviana</i> (Pers.) K.Schum.*	fava-de-oxum	1	-	-	0,074
Annonaceae					
<i>Annona squamosa</i> L.	pinha	1	-	-	0,074
Araceae					
<i>Dieffenbachia seguine</i> (Jacq.) Schott*	comigo-ninguém-pode	1	1	-	0,148
Asparagaceae					
<i>Dracaena trifasciata</i> (Prain) Mabb.	espada-de-ogum	-	2	-	0,148
Euphorbiaceae					
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.*	pinhão-roxo	9	4	1	1,037
<i>Ricinus communis</i> L.	mamona	3	1	-	0,296
Fabaceae					
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link*	fedegoso	8	2	2	0,888
<i>Poiretia bahiana</i> Cl.Müll.*	arruda-da-serra	-	1	-	
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth	andu	1	-	-	0,074
<i>Senna</i> sp.	são-joão	3	-	-	0,222
Lamiaceae					
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	alecrim	8	1	2	0,814
<i>Vitex agnus-castus</i> L.	alfazema	2	1	-	0,222
<i>Ocimum basilicum</i> L.	manjeriço	2	1	1	0,296
<i>Melissa officinalis</i> L.	erva-cidreira	-	1	-	0,074
<i>Mentha pulegium</i> L.	poejo	1	-	-	0,074
Myrtaceae					
<i>Eugenia uniflora</i> L.*	pitanga	4	2	-	0,444
Phytolacaceae					
<i>Petiveria alliacea</i> L.	guiné ou tipi	3	1	1	0,370
Plantaginaceae					
<i>Scoparia dulcis</i> L.*	vassourinha	4	4	2	0,740
Poaceae					
<i>Cymbopogon densiflorus</i> (Steud.) Stapf	capim-nagô	1	-	-	0,074
Rutaceae					
<i>Ruta graveolens</i> L.	arruda	11	7	3	1,555
Sapindaceae					
<i>Cupania oblongifolia</i> Mart.*	camboatá	1	1	-	0,148
Siparunaceae					
<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.*	negra-mina	1	1	-	0,148
Solanaceae					
<i>Cestrum axillare</i> Vell.*	quarana	2	-	-	0,148
<i>Nicotiana tabacum</i> L.	fumo	1	-	-	0,074
<i>Capsicum</i> sp.	pimenta	2	-	1	0,222
<i>Solanum lycopersicum</i> L.	tomate	2	-	1	0,222
Plantas sem possibilidade de	alecrim-de-vaqueiro	1	1	-	0,148

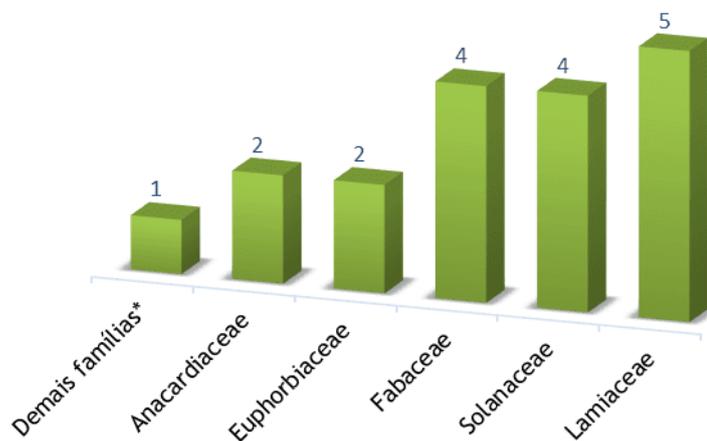


identificação em nível de espécie				
ares-da-felicidade	-	1	-	0,074
marinheiro	-	1	-	0,074
relógio	-	1	-	0,074
unha-de-gato	-	1	-	0,074
urtiga	-	1	-	0,074
salva-de-ogum	1	-	-	0,074
tira morfina	1	-	-	0,074
relógio	1	-	-	0,074

Legenda: An= Andaraí; Le = Lençóis; Mu=Mucugê; UCs = Valor de consenso de uso; (*) espécies nativas.

As famílias mais representativas foram Lamiaceae com 5 espécies, seguida por Fabaceae e Solanaceae ambas com 4 espécies (Figura 2). Estes resultados estão alinhados com os encontrados por Bastos *et al.* (2023), que, em uma revisão integrativa sobre a etnobotânica do benzimento na Bahia, destacaram a relevância da família Lamiaceae como uma das mais representativas, em estudos realizados em quatro municípios do Sertão Paraibano (Nóbrega 2017), em Anajuba no Maranhão (Rabelo, Araújo, Almeida Jr. 2022) e no Sul do Mato Grosso (David; Passa 2017). Essa constância reforça a importância desta família botânica nas práticas de benzimento em diferentes regiões do território brasileiro, transcendendo fronteiras geográficas e reforçando sua presença significativa no contexto etnobotânico das práticas deste tipo.

Figura 2 -Distribuição das citações das famílias botânicas utilizadas nas práticas de benzimento no entorno do Parque Nacional da Chapada Diamantina/Bahia (Andaraí, Lençóis e Mucugê).



Fonte: (Dados da pesquisa)

No que diz respeito à origem das espécies botânicas identificadas, constatou-se que apenas 30% (12 espécies) são plantas nativas, indicando uma preferência por espécies exóticas, tanto cultivadas quanto naturalizadas, nas práticas de benzimento. Este dado diverge dos resultados de Bastos *et al.* (2023), cuja revisão apontou uma maior proporção de espécies nativas utilizadas para benzedura. Tal discrepância sugere a ausência de um padrão ecológico consistente no estado, em relação à origem das plantas utilizadas, destacando a diversidade de preferências entre os praticantes.

É importante salientar que, apesar dessa diversidade observada, a escolha por espécies nativas nas práticas de benzimento confere a esse conhecimento um

papel valioso na preservação da flora nativa. Entre as espécies nativas, destaca-se a arruda-da-serra (*Poiretia bahiana*), uma planta endêmica da Bahia. Embora tenha sido mencionada por um dos benzedores, esta se posicionou como uma das plantas que não são mais encontradas na região ou têm uma distribuição rara. Isso se deve à sua preferência por locais de altitude elevada, como serras e morros. A menção dessa espécie destaca, não apenas a diversidade de plantas utilizadas, mas também ressalta a importância do benzimento na preservação de espécies nativas utilizadas culturalmente, mesmo aquelas com distribuição geográfica limitada.

Quanto às espécies mais frequentemente citadas para o benzimento, a arruda (*Ruta graveolens*) despontou como a mais representativa, com 75% de citações pelos especialistas locais. O pinhão-roxo (*Jatropha gossypifolia*) (Figura 4a) foi a segunda mais citada com 50%. A espécie vence-tudo (*Justicia gendarussa*) (Figura 4b) correspondeu a 46,4% citações, seguida pelo fedegoso (*Senna occidentalis*), citado 42,8%. O alecrim (*Rosmarinus officinalis*) (Figura 4c) e a vassourinha (*Scoparia dulcis*) (Figura 4f) obtiveram citações, correspondendo a 39,3% e 35,7% das respostas, respectivamente.

Esses resultados estão alinhados com descobertas anteriores, como Oliveira *et al.* (2016), que destacaram a arruda como a planta mais proeminente na região de Palmas, no sudoeste do Paraná. Na região Nordeste no estado da Paraíba, Oliveira e Trovão (2009) observaram que as espécies arruda e pinhão-roxo foram as mais citadas por benzedores e rezadores. Rabelo e Araújo (2022), no Maranhão, registraram o pinhão-roxo e a vassourinha como as espécies mais mencionadas. Na Bahia, com exceção da morfoespécie 'vence-tudo', as demais estão entre as nove (n=9) registradas por Bastos *et al.* (2023). Os autores enfatizam que essas plantas são consideradas especialmente valiosas e significativas nas práticas de benzimento, sugerindo uma relação com suas propriedades medicinais e simbólicas percebidas pelas comunidades locais.

Figura 3 - Espécies botânicas utilizadas pelas benzedoras no entorno do Parque Nacional da Chapada Diamantina/Bahia (Andaraí, Lençóis e Mucugê).





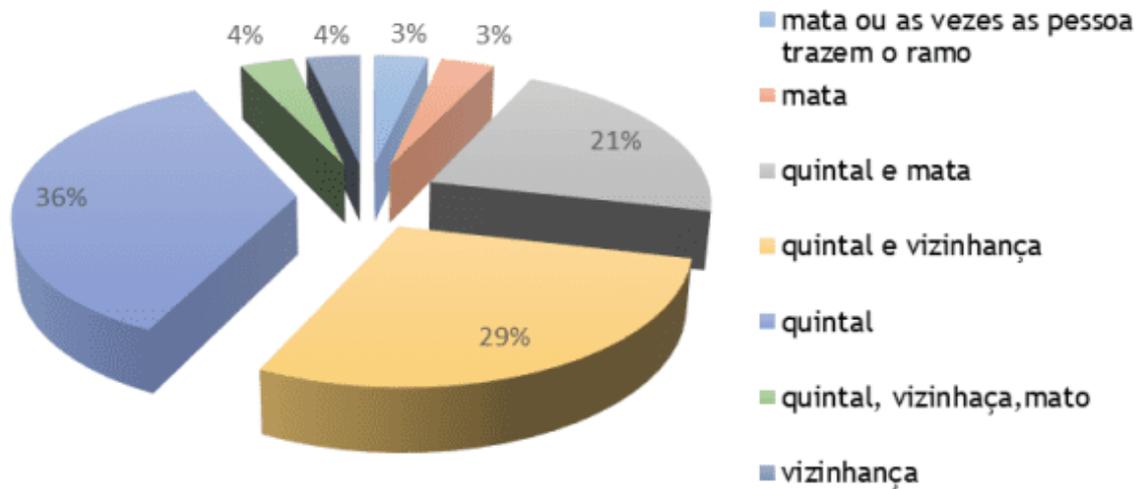
Legenda: a=pinhão-roxo (*Jatropha gossypifolia*); b = vence-tudo ou abre-caminho (*Justicia gendarussa*); c= alecrim (*Rosmarinus officinalis*); d= alfazema (*Vitex agnuscactus*); e= pitanga (*Eugenia uniflora*); f = vassourinha (*Scoparia dulcis*) (Fonte: Dados da pesquisa)

Em relação ao Valor de Consenso de Uso (UCs), os dados revelaram que as espécies que apresentaram maior valor foram a arruda, com UCs=1,555, e pinhão-roxo, com UCs=1,037. A preferência marcante do pinhão-roxo entre os informantes pode ser atribuída à sua ocorrência espontânea e abundância, bem como à facilidade de crescimento e forma de propagação da espécie nas áreas de estudo. Segundo Albuquerque, Lucena e Cunha (2010), as pessoas têm uma tendência a utilizar plantas mais facilmente encontradas. No entanto, a arruda, embora citada por alguns informantes locais como uma planta difícil de encontrar, ainda é a espécie de maior preferência. Isso pode indicar que a distribuição e a abundância dessa espécie nessas localidades podem ter sido mais amplas e que a cultura associada ao seu uso ainda está presente na comunidade.

Quanto à procedência das etnoespécies utilizadas pelos praticantes de benzimento, a maioria provém de seus próprios quintais (36%), seguida pela combinação de quintal e vizinhança (26%) e quintal e mata (21%) (Figura 5). Observa-se, portanto, que muitos praticantes não limitam suas escolhas às áreas cimentadas, como é comum na modernidade. Mesmo com espaço disponível, algumas espécies são cultivadas em vasos e latas. Esses resultados corroboram as descobertas de Passa e David (2017), em Mato Grosso, onde os quintais foram apontados como principal fonte de plantas utilizadas para práticas de benzimento. Os autores ressaltam que o cultivo nesse espaço facilita a prática, uma vez que a coleta do material botânico ocorre no momento da benzeção, logo isso facilita a aquisição.



Figura 4 - Distribuição da procedência das plantas utilizadas em práticas de Benzimento no entorno da PARNA Chapada Diamantina/Bahia (Andaraí, Lençóis e Mucugê)



Fonte: (Dados da Pesquisa)

Além disso, a análise da procedência das etnoespécies revela a relevância dos quintais como fonte principal, indicando uma conexão estreita entre a prática do benzimento e o ambiente doméstico. Esses achados reforçam não apenas a valorização de plantas específicas nas tradições de benzimento, mas, também, apontam para uma relação íntima entre os praticantes e o ambiente ao seu redor. A preferência por espécies cultivadas nos próprios quintais ressalta a importância da proximidade e do acesso direto às plantas utilizadas, contribuindo para a eficácia e a fluidez dessa prática tradicional. Essas percepções proporcionam uma compreensão mais profunda das escolhas e práticas dos benzedeiros, contribuindo para a preservação e entendimento contínuo desse valioso patrimônio cultural e botânico.

Analisando a similaridade das etnoespécies entre os municípios, destaca-se que apenas oito etnoespécies foram compartilhadas entre eles. Mucugê compartilha todas as citações das espécies botânicas com Andaraí (Figura 6). Essa harmonia entre Andaraí e Mucugê pode ser atribuída à proximidade geográfica entre essas duas localidades, sugerindo uma possível explicação pela Teoria da Neutralidade, de Hubbel (2001). De acordo com esta teoria, o aumento da distância geográfica pode resultar em uma menor similaridade de espécies em uma comunidade, independente das variações ambientais existentes.

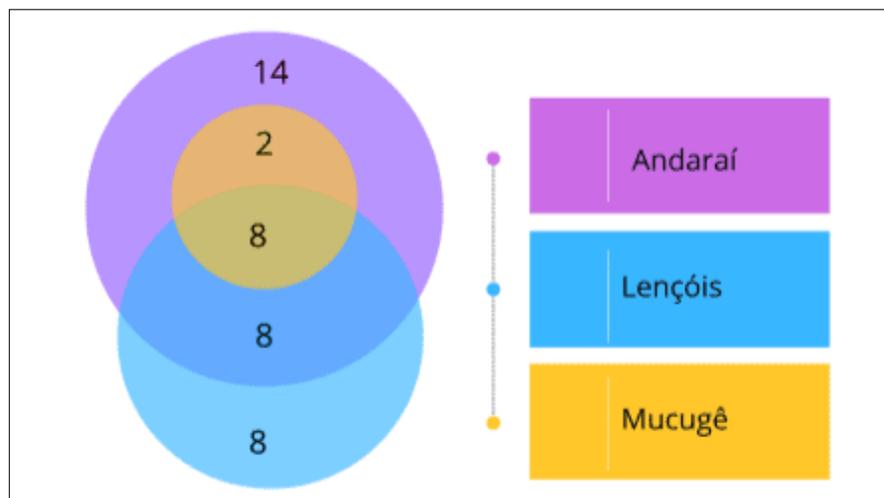
Essa observação sobre a limitada similaridade de etnoespécies entre os municípios ressalta, não apenas a diversidade regional, mas, também, a influência de fatores geográficos nas práticas de benzimento. O compartilhamento mais expressivo entre Andaraí e Mucugê, em comparação com Lençóis, reforça a importância da proximidade física na transmissão e preservação desse conhecimento tradicional. Além disso, a análise destaca a singularidade de Lençóis em termos de plantas citadas, o que pode indicar nuances específicas na tradição de benzimento dessa região.

Essa variação entre os municípios, não apenas adiciona complexidade à compreensão das práticas de benzimento, mas sugere que fatores, além da proximidade geográfica, podem desempenhar um papel significativo na escolha e



utilização de plantas nessas práticas. Questões culturais, históricas e ambientais específicas de cada localidade podem estar moldando as preferências dos praticantes de benzimento, adicionando camadas de significado à relação entre as plantas e às comunidades que as utilizam para fins rituais e terapêuticos. Portanto, ao explorar essas nuances, podemos obter uma visão mais completa e rica das práticas de benzimento no entorno da PARNA Chapada Diamantina/Bahia (Andaraí, Lençóis e Mucugê).

Figura 5 - Diagrama de Venn representando o número de etnoespécies exclusivas e compartilhadas no entorno do Parque Nacional da Chapada Diamantina/Bahia (Andaraí, Lençóis e Mucugê).



Fonte: (Dados da Pesquisa).

Algumas especificações botânicas foram observadas, como, por exemplo, a quantidade de ramos utilizados na prática de cura. Enquanto para alguns especialistas a quantidade de ramos é uma consideração essencial, para outros é indiferente. Esta diversidade foi evidenciada com o uso de um, três e/ou sete ramos, provenientes, tanto da mesma planta/indivíduo, quanto de plantas diferentes, refletindo as particularidades de cada benzedor. Além disso, a variedade na quantidade de ramos ressalta a riqueza e a flexibilidade dessas práticas, adaptando-se às crenças e experiências individuais dos benzedores. Essa diversidade pode estar relacionada aos aspectos culturais e espirituais específicos de cada região, enriquecendo ainda mais a compreensão das relações etnobotânicas presentes nesse saber tradicional. A próxima camada de complexidade reside na variedade de plantas escolhidas, revelando, não apenas uma abordagem prática, mas, uma integração holística com o ambiente natural e espiritual que envolve o benzimento.

Em Andaraí, umas das benzedoras entrevistadas orienta sua escolha espiritualmente, utilizando sete folhas (ramos) distintas. Por outro lado, outra benzedora do município também emprega sete, só que da mesma planta, enquanto outra, varia de três ramos para crianças e sete para adultos. Em Mucugê, foi possível identificar um padrão consistente entre as três benzedoras entrevistadas, quando todas citaram a utilização de três galhos em suas práticas.

Outra especificidade botânica notável refere-se à posição, na planta, de onde os galhos são retirados para o benzimento. Enquanto alguns preferem os



galhos mais baixos, outros optam pelo "olho" ou ramo apical ou terminal da planta. Essa escolha é profundamente pessoal, como evidenciado pelas diferentes abordagens adotadas pelos benzedores entrevistados.

Além disso, o horário de coleta das plantas também apresentou variações. Enquanto 57% dos especialistas eram indiferentes ao horário, coletando em qualquer momento, 18% preferiam o período da manhã. Uma benzedeira de Andaraí, destaca a importância de colher as plantas antes do nascer do sol. Outros 18% afirmaram que não coletam à noite, associando esse hábito ao repouso noturno das plantas, como defendido por um casa de benzedeiros, ambos de Andaraí.

Um aspecto notável é a influência da religiosidade afro-diaspórica no processo de cura, como exemplificado por um benzedeiro de Andaraí, que evita colher folhas após as 18h como forma de respeito a Ossain, o orixá das folhas. Esta observação sugere uma interconexão profunda entre as práticas de benzimento e as crenças religiosas, destacando a riqueza cultural e espiritual dessas tradições, a compreensão das relações etnobotânicas nesse saber cultural não apenas enriquece a subjetividade, mas preserva a vitalidade desse conhecimento orgânico e ancestral.

Considerações finais

O estudo sobre os rituais de benzimento no entorno da PARNA Chapada Diamantina, nas cidades Andaraí, Lençóis e Mucugê, revelou uma diversidade significativa de plantas, transcendentais não apenas em suas propriedades medicinais, mas como portadoras de culturas. Uma visão abrangente da diversidade de plantas incorporadas nos rituais de benzimento em localidades de Andaraí, Lençóis e Mucugê do entorno da PARNA Chapada Diamantina, evidencia que esta prática transcende as fronteiras do uso medicinal, para constituir-se em riquezas culturais e sociais profundamente enraizadas. A interação entre os benzedeiros e as plantas não se limita à mera seleção de um ramo qualquer; permeia uma rica ritualística que abrange, desde o momento específico da coleta vegetal, com algumas restrições noturnas relatadas, até a escolha estratégica da posição do ramo na planta.

A interação entre os benzedeiros e as plantas vai além da escolha de espécies botânicas, pois envolvem processos ritualísticos, que vão desde a coleta em quintais até a forma/posição estratégica do ramo na hora das práticas do benzimento. Essas interações refletem as relações entre as comunidades locais e o ambiente, destacando a consciência ambiental e a valorização da biodiversidade.

A preferência por espécies exóticas nas práticas de benzimento, apesar da presença de plantas nativas, sugere a influência de fatores práticos e simbólicos nesse conhecimento tradicional. A destacada importância da arruda e do pinhão-roxo, as especificidades botânicas na seleção e uso de ramos, bem como as considerações sobre a procedência e horário de coleta, ilustram a intrincada rede de significados e práticas que caracterizam o benzimento na região.

Essas descobertas não apenas enriquecem nosso entendimento sobre as relações entre os praticantes de benzimento e o reino vegetal, mas lançam luz sobre a preservação da flora nativa. A interconexão entre a espiritualidade, a prática cultural e a ecologia local se revelam como uma trama complexa, onde a tradição oral, a transmissão intergeracional e as crenças ancestrais desempenham papéis cruciais.



O benzimento não é apenas uma prática de cura, mas um testemunho vivo da riqueza cultural e da relação simbiótica entre comunidades e plantas. O estudo etnobotânico dessas práticas não só contribui para a preservação desse valioso conhecimento tradicional, mas abre portas para uma compreensão mais profunda da diversidade e interconexão que permeiam as tradições culturais brasileiras.

Neste contexto, o estudo não apenas convida à reflexão, mas sugere que o simbolismo envolvido no processo de cura em Andaraí, Lençóis e Mucugê/BA está intrinsecamente interligado à flora que os envolve. Emerge claramente uma bagagem cultural significativa nesta relação etnobotânica, impregnada de consciência ambiental e valorização da biodiversidade. Observa-se, assim, não apenas uma prática de benzimento, mas um sistema de conhecimento que atua como um elo entre a comunidade local e o ecossistema ao seu redor.

Além disso, o estudo lança luz sobre a complexa rede de simbolismos que permeiam a seleção e o uso de plantas nos rituais de benzimento. A valorização de espécies exóticas, a influência do horário de coleta e a consideração da posição do ramo, não apenas reforçam a singularidade dessas práticas, mas indicam a presença de camadas profundas de significados culturais e espirituais. Dessa forma, o benzimento emerge como uma manifestação vívida da riqueza cultural, espiritual e ecológica dessa região da Chapada Diamantina, enraizada nas tradições e crenças transmitidas ao longo das gerações. Este estudo é uma contribuição valiosa para a compreensão da interconexão entre as práticas culturais e o ambiente, destacando a importância de preservar e compreender tais tradições, em um contexto mais amplo.

Agradecimentos

Agradecimento aos especialistas locais que aceitaram participar da pesquisa, compartilhando seu saber conosco. À Universidade do Estado da Bahia por meio do Programa de Apoio à Capacitação de Docentes e Técnicos Administrativos da UNEB - PAC-DT que disponibilizou bolsa de estudos. Ao Programa de Doutorado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental - PPGEcOH.

Referências

ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P.; CUNHA, L.V.F.C. *Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica*. Recife, PE: NUPEA, 2010.

APG IV. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. *Botanical Journal of the Linnean Society* 181(1): 1-20.2016

BADARÓ, W. O. A cura em Kemet entre 1700 e 1500 a. C.: anotações, caracterização e conteúdo do papiro de Edwin Smith. *Revista Eletrônica Discente História.com*, v. 5, n. 9, p. 89-107, 2018. Disponível em: <http://periodicos.ufrb.edu.br/index.php/historiacom/article/view/860>. Acesso em: 03.Ago.2023.

BASTOS, N. G.; ANDRADE; W. M.; SANTOS, C. A. B., NOGUEIRA, E.S. Etnobotânica do benzimento em território baiano: revisão integrativa. *Peer Review*, v. 5, n. 18, p. 345-365, 2023. Disponível em: <https://peerw.org/index.php/journals/article/view/880>. Acesso em: 18 dez. 2023.

BERNARDINO, DA M.C.C.; LIMA, P. F., ALMEIDA, C.L.; FRANCO, F. C. A etnobotânica nos valores culturais e sua influência na formação do “ser regional”. *Diálogos Interdisciplinares*, 8(3).2019



Disponível em: <https://revistas.brazcubas.br/index.php/dialogos/article/view/648>. Acesso em: 25 Ago. 2023.

ALBUQUERQUE, U. P., FERREIRA JÚNIOR, W. S., RAMOS, M. A., MEDEIROS, P. M. **Introdução à etnobotânica**. Interciência, 2022.

DAVID, M. D.; PASA, M. C. Etnobotânica na cultura de benzedeiras e curandeiros, mato grosso, brasil. *Múltiplos Olhares Sobre a Biodiversidade*. Vol. V, 514-536. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.29142/mosb5-29>. Acesso em: 03 Ago. 2023.

FLORA DO BRASIL. **Flora e Funga do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 2022. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/> Acesso em: 04. Ago. 2023.

FONSECA-KRUEL, V. S.; PEIXOTO, A. L. Etnobotânica na reserva extrativista marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v. 18, p. 177-190, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abb/a/SGSG4jG5XxJNwbmpXjFmtGN/?format=pdf>. Acesso em: 20. Dez. 2023.

HUBBELL, S.P. **The unified neutral theory of Biodiversity and Biogeography**. Princeton University Press, Princeton and Oxford. 2001.

LIMA, D. M.; OLIVEIRA, K. A. Rezadeiras e Benzedeiras do Assentamento Bernardo Marim-Pureza/RN. *Cadernos de Agroecologia*, v. 15, n. 2, 2020. Disponível em: << <http://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/4190>>>. Acesso em: 02. Dez. 2023.

OLIVEIRA, E. C. S.; TROVÃO, D. M. B. M..O uso de plantas em rituais de rezas e benzeduras: um olhar sobre esta prática no estado da Paraíba. *Revista Brasileira de Biociências*. 7(3): 245-251. 2009. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/78139022/1138-6231-1-PB.pdf> Acesso em: 10. Nov. 2023.

OLIVEIRA, E. P.; TAQUES, E. M.; MOREIRA, P. V. S.; SIEBEN, C. R., LORENZETTI, E. R. Plantas medicinais empregadas em benzimentos na região de Palmas-PR. *Cadernos de Agroecologia*, v. 11, n. 2, 2016. Disponível em: <http://www.cpa0.embrapa.br/cds/agroecol2016/PDFs/Trabalhos/Plantas%20medicinais%20empregadas%20em%20benzimentos%20na%20regi%C3%A3o%20de%20Palmas%20%20PR.pdf>. Acesso em: 25 Ago. 2023.

OMS - Organização Mundial de Saúde. **Estrategia de la OMS sobre medicina tradicional - 2014-2023**. Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/95008/1/9789243506098_spa.pdf. Acesso em: 25 Ago. 2023.

PINHEIRO, B. C. S. **História Preta das Coisas**. São Paulo: Livraria da Física, 2021.

RABELO, T. O.; ARAÚJO, R.I.S.; ALMEIDA JR., E. Plantas utilizadas por benzedores em Quilombos do Maranhão, Brasil. *Etnobiologia*, v. 20, n. 2, p. 20-39, 2022.

SILVA, C. F. Benzedores do leste da ilha de Santa Catarina: relações sociais e o uso de plantas medicinais nas práticas de benzeduras. **TCC (graduação)** -Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências Biológicas. Biologia. 2018.

SOUZA, B.M.G. Benzedura e mentalidade: sobrevivência de uma prática histórica acumulada. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 22, 2003, João Pessoa. **Anais**. João Pessoa: Anpuh, 2003.